

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



NÓS, HOMENS NEGROS, AMAMOS? Afeto, Raça e Masculinidades

Matheus Diniz Campelo¹
Jhonatan Wendell Tavares Ferreira²
Sunshine Cristina de Castro Reis³

Resumo: Almejamos interrogar os modos pelos quais homens negros constroem relações afetivas com outras pessoas negras, examinando as tensões entre cuidado, desigualdades de gênero e a reprodução de violências nas relações sociais, responsabilidade afetiva e estratégias de proteção em um mundo marcado pela hostilidade racial. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico articulando contribuições de intelectuais como Fanon, Mbembe, hooks e Collins, aliado a uma abordagem qualitativa que incorpora nossas narrativas autobiográficas enquanto homens pretos, por meio das quais refletimos sobre a construção social da masculinidade e sobre os afetos que atravessam nossas experiências negras. Ressaltamos que, ao perguntarmos se nós, homens negros, amamos, o texto busca evidenciar como o direito ao amor é historicamente regulado e muitas vezes negado aos corpos negros no contexto social brasileiro.

Palavras-chave: Masculinidades negras; Afetividade; Raça e gênero; Narrativas negras.

DO WE BLACK MEN LOVE? Affection, Race, and Masculinities

Abstract: We aim to interrogate the ways in which black men build affective relationships with other black people, examining the tensions between care, gender inequalities, and the reproduction of violence in social relationships, affective responsibility, and protection strategies in a world marked by racial hostility. To this end, we conducted a bibliographic survey articulating contributions from intellectuals such as Fanon, Mbembe, hooks, and Collins, combined with a qualitative approach that incorporates our autobiographical narratives as black men, through which we reflect on the social construction of masculinity and the affections that permeate our black.

Keywords: Black masculinities; Affectivity; Race and gender; Black narratives.

¹Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). matheusdicampelo@outlook.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9213381513380267> ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6501-3939>

² Doutorando em Educação pela Universidade de Pernambuco (UPE). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). jhon_jhonys@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5782055032870161>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5754-7666>.

³ Doutoranda em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestra em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão (UFMA). sunshinesantos2018@gmail.com .Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2450907707576355> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5684-9247>

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



¿NOSOTROS, LOS HOMBRES NEGROS, AMAMOS? Afecto, raza y masculinidades

Resumen: Queremos analizar las formas en que los hombres negros construyen relaciones afectivas con otras personas negras, examinando las tensiones entre el cuidado, las desigualdades de género y la reproducción de la violencia en las relaciones sociales, la responsabilidad afectiva y las estrategias de protección en un mundo marcado por la hostilidad racial. Para ello, realizamos una revisión bibliográfica que articula las contribuciones de intelectuales como Fanon, Mbembe, hooks y Collins, junto con un enfoque cualitativo que incorpora nuestras narrativas autobiográficas como hombres negros, a través de las cuales reflexionamos sobre la construcción social de la masculinidad y sobre los afectos que atraviesan nuestras experiencias negras. Destacamos que, al preguntarnos si nosotros, los hombres negros, amamos, el texto busca evidenciar cómo el derecho al amor está históricamente regulado y, a menudo, negado a los cuerpos negros en el contexto social brasileño.

Palabras clave: Masculinidades negras; Afectividad; Raza y género; Narrativas negras.

A PRODUÇÃO COLONIAL DO CORPO NEGRO: PRIMEIRAS PROVOCAÇÕES

Nós, homens negros, amamos? Longe de se configurar como uma pergunta ingênua ou de caráter moral, esse questionamento inscreve-se no campo dos Estudos de Gênero como uma chave analítica para compreender os modos pelos quais os marcadores de gênero, raça e classe produzem socialmente os afetos. Ao indagar o que, quem e como amamos, deslocamos o amor da esfera privada/subjetiva para o campo político, compreendendo-o como uma ação de cuidado, respeito, escuta e acolhimento (hooks, 2023). Nessa perspectiva, o amor não deve ser concebido como um ato humano já pronto, mas como uma experiência prática e política atravessada por interdições, hierarquias raciais, interseccionalidades e disputas simbólicas e materiais.

Para compreender as possibilidades e os limites da expressão afetiva e emocional dos homens negros no Brasil, torna-se necessário reconhecer que as masculinidades não são construções neutras ou homogêneas. Elas são historicamente produzidas em contextos sociais específicos e atravessadas por relações de poder e de gênero que definem: quem

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



tem o direito de sentir, quem é reconhecido plenamente como pessoa humana, quem ocupa lugar de inferioridade/subalternidade e quem ocupa lugar de poder e dominação (Preciado, 2020; González, 2020).

Nesse sentido, a colonialidade, entendida como a permanência de estruturas de dominação forjadas no processo colonial, desempenha um papel central na produção de imagens, estereótipos e narrativas sobre os corpos negros. Ao longo da história colonial e pós-colonial, os homens negros foram frequentemente representados por meio de imagens que os associavam à violência, à hipersexualização, à força física descontrolada ou à incapacidade moral e intelectual. Tais representações não surgiram de forma aleatória, mas foram produzidas como parte de um sistema de poder que buscava justificar a escravidão, a exploração e a exclusão social das populações negras (Quijano, 2005; Fanon, 2008; Collins, 2019). Nesse processo, o corpo negro foi reduzido à condição de objeto, desprovido de subjetividade plena, afetos legítimos ou complexidade emocional.

Nesse debate, as reflexões de Frantz Fanon (1968, 2008) oferecem contribuições fundamentais para compreender os efeitos subjetivos do racismo na constituição das identidades negras. Fanon (2008) pontua que o racismo é capaz de produzir processos de desumanização e inferiorização que atravessam os corpos, a linguagem e as relações sociais. Esse processo produz fissuras na construção das subjetividades, afetando inclusive as formas pelas quais homens negros pensam e vivem o amor, olham para si e para o outro em sua comunidade.

De modo semelhante, Achille Mbembe (2018a,b) contribui para ampliar essa análise ao discutir como a modernidade colonial, estruturada pela Necropolítica, organizou políticas e normas racistas que definem quem deve morrer e quem pode viver. Ao refletir sobre os regimes de necropoder que administram e racionalizam a morte de determinados grupos sociais, Mbembe (2018a,b) evidencia que os corpos negros são expostos cotidianamente à precariedade, à violência e a vulnerabilidade. Essa lógica atravessa também o campo dos afetos, na medida em que o direito ao amor, ao cuidado e à vulnerabilidade emocional perpassa pela administração das políticas de morte e de vida.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Nesse contexto, as masculinidades negras são produzidas em meio a estas tensões complexas. Por um lado, homens negros enfrentam processos históricos de desumanização que negam sua capacidade de sentir, amar e cuidar. Por outro, também são interpelados por modelos normativos de masculinidade que valorizam a dureza, o controle emocional e a negação da vulnerabilidade. Assim, as experiências afetivas de homens negros são atravessadas por múltiplas pressões sociais que ora os desumanizam, ora exigem que performem masculinidades rígidas e pouco abertas à expressão do afeto.

No livro *A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor* de bell hooks (2025) argumenta que o processo de socialização e letramentos das emoções ocorre de formas distintas desde a infância devido aos marcadores de gênero em um contexto patriarcal.. Enquanto às meninas é, em geral, permitido demonstrar fragilidade e chorar, os meninos são frequentemente orientados a reprimir emoções consideradas vulneráveis, sendo socializados a expressar prioritariamente a raiva ou a agressividade.

Portanto, homens negros, ao nos perguntarmos o que é amor, como amamos e quem amamos é poder tensionar as condições históricas e sociais que restringem as possibilidades e pluralidades das experiências emocionais e amorosas. Trata-se de questionar como o racismo, o patriarcado e a colonialidade moldam as formas pelas quais nós construímos nossas relações afetivas, experienciamos a paternidade, o processo de cuidado de si e do outro.

Diante dessas reflexões, emerge uma questão: de que maneira homens negros constroem e vivenciam suas relações afetivas em um contexto social marcado pela colonialidade, pelo racismo estrutural e pelos pactos normativos da masculinidade? A partir dessa problematização, buscamos compreender como raça, gênero e afetividade se entrelaçam na constituição das masculinidades negras, influenciando as formas de amar, cuidar e estabelecer vínculos com parceiros/as, filhos/as e com a própria comunidade. Assim, o objetivo deste artigo é analisar os modos pelos quais homens negros produzem e experienciam o afeto no contexto brasileiro, considerando as tensões entre cuidado, responsabilidade afetiva, desigualdades de gênero e os impactos históricos da

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



desumanização racial sobre os corpos negros. Ao mobilizar contribuições teóricas do campo dos estudos raciais e de gênero, bem como narrativas autobiográficas situadas, buscamos refletir sobre as possibilidades, os limites e as estratégias de resistência que atravessam as experiências afetivas de homens negros na sociedade contemporânea.

NARRAR PARA COMPREENDER: PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, orientada pela compreensão das experiências subjetivas que atravessam as masculinidades negras. A escolha por essa abordagem fundamenta-se na necessidade de analisar fenômenos sociais complexos como: afeto, desejo, gênero e raça, a partir das interpretações, memórias e significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas trajetórias. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender práticas sociais objetivas, os modos pelos quais essas experiências são vividas, narradas e ressignificadas.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho apoia-se em um levantamento bibliográfico que articula contribuições de autoras/es dos estudos de raça e gênero. Dialogamos, especialmente, com as reflexões de Fanon (1968, 2008), Mbembe (2018a,b), Collins (2019) e hooks (2023, 2025) entre outros/as, cujas obras oferecem ferramentas analíticas fundamentais para compreender os efeitos da colonialidade na produção das subjetividades negras, nas construções de masculinidade e nas dinâmicas que atravessam o campo dos afetos e do desejo.

Como estratégia metodológica de análise, utilizamos a narrativa autobiográfica, compreendida como dispositivo analítico capaz de revelar as relações entre experiência individual e estruturas sociais mais amplas (Passeggi, 2011). As narrativas mobilizadas neste estudo partem das memórias e vivências dos próprios autores, homens negros que refletem sobre suas trajetórias de vida, suas experiências de socialização masculina e as formas pelas quais raça, gênero e sexualidade atravessaram seus processos de construção subjetiva. A autobiografia, nesse contexto, é tratada como um recurso que possibilitou

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



tornar visíveis dimensões da experiência frequentemente silenciadas ou invisibilizadas nos estudos tradicionais (Saveli, 2006; Moraes; Brito; Soares 2024).

Assim, ao mobilizar narrativas de si em diálogo com o referencial teórico, a pesquisa buscou evidenciar como as experiências individuais podem evidenciar aspectos estruturais da sociedade, especialmente no que se refere às intersecções entre racismo, heteronormatividade e normas de gênero.

AFETIVIDADES, MASCULINIDADES E ATRAVESSAMENTOS: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Masculinidades negras⁴

No quarto ao lado, escutava minha mãe. Um corpo preto no mundo. Ela clamava e chorava por mim, pelo meu irmão mais velho e pelo meu pai. Ela chorava também pelo mundo em que insistia violentamente em nos lembrar, de muitas formas, da nossa desumanização, da nossa negritude, das chagas da vida e das lutas que ela travaria para que seus filhos se tornassem alguém: uma pessoa.

Na minha infância, apesar de incontáveis motivos para eu me desfazer em lágrimas, eu observava curiosamente que a maioria das mulheres da minha família pegaram para si esta missão e assim o faziam: choravam por nós. O choro tinha destino e endereço: o corpo das mulheres. Era neste oceano que as lágrimas poderiam desaguar. Infelizmente, vivenciei tragicamente que não só choro tinha este destino, mas a raiva, o rancor e o ódio dos homens encontravam nestas mulheres espaços para desaguar.

Desde cedo aprendi que o direito ao choro era concedido àquelas mulheres em nome de um discurso de gênero que as colocam como sentimentais, emotivas, cuidadosas e frágeis. Hoje penso que talvez essa tal fragilidade fosse apenas outro nome para a humanidade. Um aviso silencioso de que o corpo sente (e bastante), de que a vida toca fundo (no espírito da intimidade), de que existir também é às vezes se quebrar. Homens

⁴ Narrativa do primeiro autor do artigo.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



sentem medo de abraçar esta fragilidade pois foram condicionados a acreditar que fragilidade é sinônimo de fraqueza. Fragilidades que homens têm dificuldade de aceitar em si, pois seremos vistos como fracos.

Gosto de imaginar a fragilidade de outro modo. Como peças raras guardadas e protegidas, vindas de longe, cheias de histórias, de belezas e de riquezas. Coisas que não se tocam sem cuidado, não porque sejam fracas, mas porque carregam um valor que o mundo ainda não sabe medir. E as mulheres da minha família eram assim: peças raras. As mulheres eram também metamorfoses. Mudavam de formas diante da vida, das suas tragédias, das suas andanças de uma cidade para outra, e ainda assim voltavam ou tentavam ser inteiras para si, para as outras, para os outros e para o mundo.

Havia exceções, claro, em especial quando algumas tias me ensinavam que chorar não é coisa de homem, pois, segundo elas: *“temos que ser fortes”*. O choro era sinal de fraqueza e quaisquer lágrimas que viessem a escorrer a denunciava. A minha criança foi exorcizada. Aprendi a não falar das minhas dores, das minhas vulnerabilidades, do meu choro, da minha tristeza e das minhas emoções.

Pelo contrário, aprendi a construir uma fortaleza diante dessas emoções. (Resiliência, eles dizem). Aprendi a conter mais e mais as lágrimas diante de situações incessantes de negligências, de violências e de injustiças. Aprendi a arte do controle, da indiferença e da apatia. Portanto, eu não aprendi a arte de perder, quando a lágrima se desprende do olho, se esvai e percorre o rosto todo. Não aprendi a arte de cuidar e de respeitar a si. Aprendi a arte de conter. Aprendi a arte de não ser.

Lembro que as lágrimas foram sendo reprimidas. Um poço sem fundo foi sendo construído. E agora se encontra prestes a vazar e inundar as minhas certezas: o castelo de cartas vem ao chão.

Na infância, ser uma criança negra *queer* era viver em constante estado de atenção, vigilância, medo e pânico. Eu media os meus passos, os gestos que escapavam das minhas mãos e as palavras que eu dizia. Mas não adiantou. Um dia, na saída da aula, alguns

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



meninos decidiram brincar com aquilo que a sociedade lhes ensinou a odiar: “*Matheus é viado*”; “*Matheus é bixa*”; “*Matheus é qualira*”.

O mais doloroso não era ter sido vítima desta violência e daquelas palavras. Eu já havia montado um protocolo de emergência: engolir o choro como se engole um objeto estranho, fingir indiferença e seguir em frente.

O que mais doía era não ter para onde levar aquela dor. Aquele grito entalado. Não podia retornar para casa com o corpo enfurecido. Não podia explicar o que tinha acontecido. Não podia chorar. Desorientado, desviava do caminho de casa e circulava pelas ruas como forma de me organizar e planejar o velório e o luto de mais um grito silenciado e um choro engolido. Um pacto de silêncio ensurdecedor era necessário nestas circunstâncias e em outras e mais outras.

A minha casa não era um lugar seguro para chorar. Nem o quarto com quem dividia com o meu irmão. Nem qualquer cômodo da casa que parecia ter ouvidos nas paredes. Aquela criança não tinha onde derramar suas lágrimas.

E foi assim, pouco a pouco, que a minha masculinidade foi sendo construída. Um território cheio de contradições. Armado de controles, de silêncios e de afetos guardados. Uma masculinidade negra nascida entre o choro das mulheres da minha família e o silêncio/ausência dos homens.

Entre aquilo que me disseram que um homem não podia ser e aquilo que, mesmo assim, continuava sendo. Um corpo preto no mundo tentando aprender da forma mais amarga possível que existir é um gesto de cuidado consigo e coletivo. Um corpo preto no mundo que desaguou em rio que me corta por dentro.

Construções do afeto/desejo negro⁵

É muito louco perceber como as nossas masculinidades vão sendo construídas e, pouco a pouco, naturalizadas dentro de casa, na linguagem cotidiana, nos gestos e nas

⁵ Narrativa do segundo autor do artigo.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



interdições. Frases como “*você não pode chorar, homem não chora*”, “*deixa de frescura, tu não és mulherzinha*” ou “*isso é coisa de mulher*” atravessaram a minha infância como regras silenciosas, mas rígidas. Eu as ouvia constantemente do meu pai, um homem preto; da minha avó, uma mulher preta; e da minha mãe, uma mulher branca. Eram vozes diferentes, mas que, naquele ponto, reproduziam a mesma pedagogia do gênero: a de que ser homem significava conter, endurecer, suportar.

Somos três irmãos: eu, o mais velho; minha irmã, a do meio; e meu irmão caçula. Todos negros. Desde muito cedo, eu e meu irmão aprendemos que a dor precisava ser disfarçada. Se caíssemos, se nos machucássemos, se algo doesse a ponto de arrancar lágrimas, ainda assim tentávamos sustentar a narrativa de que “*não estava doendo*”. Muitas vezes dizíamos isso com o rosto molhado, as lágrimas escorrendo sem pedir licença. Mas chorar era permitido à minha irmã, afinal, “*ela é menina*”. E meninas podem chorar. Essa lógica não se aplicava apenas à dor física. Ela organizava todos os sentimentos. Eu e meu irmão não podíamos ser excessivamente carinhosos, nem entre nós, nem com outras pessoas da família. Afeto demais poderia colocar em risco aquilo que esperavam de nós: firmeza, dureza, virilidade. A nossa infância foi atravessada por essa vigilância constante das emoções, como se houvesse uma fronteira invisível delimitando o que era legítimo sentir e o que precisava ser reprimido para manter a honra de “*ser homem*”.

Há, porém, uma cena que me marcou muito: a primeira e única vez em que vi meu pai chorar. Eu tinha 16 anos. Estávamos construindo nossa casa. Morávamos de favor na casa da minha avó paterna, e os conflitos entre ela e minha mãe eram frequentes, questões de convivência, de logística da casa, de autoridade. Eu costumo dizer que “*não dá para duas rainhas governarem o mesmo reino*”; inevitavelmente, surgem disputas. A construção da nossa casa simbolizava mais do que paredes erguidas, era a promessa de autonomia, de paz, de recomeço.

Quando a casa ficou pronta, um dia antes da mudança, uma chuva muito forte caiu. Fomos até lá verificar se havia goteiras. Para nossa surpresa, a água do telhado

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



estava voltando, porque a queda tinha pouco declive. Em vez de escorrer, a água retornava e caía toda para dentro. Aquele problema técnico, aparentemente simples, desestabilizou profundamente papai. Era como se toda a pressão acumulada, financeira, emocional, simbólica, tivesse encontrado uma fresta por onde transbordar.

Meu pai entrou em um dos quartos, talvez na tentativa de nos poupar de sua fragilidade. Sentou-se no chão e chorou como uma criança. Chorou por minutos. Para mim, aquela foi uma das cenas mais difíceis de processar. Era algo totalmente novo. Meu pai, o homem inabalável — ou, pelo menos, o homem que fazia questão de parecer inabalável para mim e para meus irmãos — estava ali, quebrado diante de nós. Aquela imagem deslocou algo dentro de mim. Mostrou que a dureza ensinada não anula a humanidade. Que por trás do discurso do “*homem não chora*” havia um homem que sentia, que se frustrava, que se desesperava. Foi o único dia em que o vi chorar. E, paradoxalmente, foi também um dos dias em que o vi mais humano.

Para além das questões de gênero que marcaram minha infância, as questões raciais sempre estiveram ali, estruturando nossas histórias, nossos silêncios e até mesmo nossas escolhas afetivas. Como nos ensina Lélia Gonzalez, não há como dissociar gênero e raça quando falamos de experiências vividas, especialmente em famílias negras atravessadas por desigualdades históricas.

Meu pai, um homem preto, é casado com a minha mãe, uma mulher branca. Minha avó paterna, uma mulher preta, foi abandonada aos 15 anos, logo após o nascimento do meu pai, pelo homem que o gerou, também negro. Expulsa de casa pela família por causa da gravidez, saiu do interior do Maranhão para São Luís. E com um bebê nos braços, sem rede de apoio, sem trabalho, sem moradia, precisou pedir dinheiro nos sinais, pedir comida e, por um período, viveu em situação de rua. Tempos depois, soube que o homem que a abandonara grávida havia constituído outra família em outro estado, agora ao lado de uma mulher branca. Mais tarde, minha avó conheceu aquele que viria a ser meu avô, um homem branco que assumiu meu pai como filho e a ajudou a sair da extrema vulnerabilidade. Essa história nos foi contada muitas vezes durante a infância. Não como

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



um discurso teórico sobre raça, mas como memória viva: a dor do abandono, a fome, a humilhação, a sobrevivência. E também a ideia de que foi um homem branco quem “reparou” o dano causado por um homem negro (não de forma explícita, mas nas entrelinhas).

Por muito tempo, ouvi essa narrativa sem perceber o quanto ela organizava afetos dentro de mim. Recentemente, ao escrever outro trabalho acadêmico⁶ que me exigiu esse resgate memorialístico, algo se deslocou. Comecei a perceber que a história da minha avó talvez tenha atravessado não apenas a vida do meu pai, que também construiu sua família com uma mulher branca, mas a minha própria trajetória afetiva.

Eu sou gay. E nunca consegui me relacionar afetivamente com homens negros. Meu esposo é um homem branco, assim como todos os namorados que vieram antes dele. Durante muito tempo, tratei isso como mera coincidência ou preferência individual, sem maiores implicações. Mas ao revisitar a história da minha avó, comecei a me perguntar se, em alguma camada mais profunda, eu não teria internalizado aquela pedagogia silenciosa: a de que homens negros abandonam, falham, não sustentam; enquanto homens brancos acolhem, estruturam, oferecem estabilidade.

Não afirmo isso como uma verdade fechada, mas como uma inquietação honesta. Cresci ouvindo a história de uma mulher negra abandonada por um homem negro e “salva” por um homem branco. Cresci vendo meu pai, também negro, constituir família com uma mulher branca. Cresci em um contexto em que a branquitude aparecia associada à ideia de segurança, ascensão e estabilidade. E, de algum modo, isso pode ter moldado minhas referências de desejo, afeto e projeto de vida. Perceber isso não é simples. Dói reconhecer que o racismo estrutural não opera apenas nas violências explícitas, mas também na intimidade dos nossos afetos. Como argumenta Frantz Fanon, o colonialismo produz marcas psíquicas profundas, afetando a forma como as pessoas negras se percebem e se relacionam, inclusive no campo do amor e do desejo.

⁶ Intitulado “Quando o passado habita o presente: A herança dos traumas transgeracionais e a (re)construção da identidade negra” (Costa *Et al.*, 2025).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Ao revisitar a história da minha avó, percebo que ela não é apenas memória familiar; é também herança emocional. Uma herança que talvez tenha atravessado meu pai e que, certamente, me atravessou. Reconhecer isso é um passo importante, não para culpabilizar minhas escolhas, mas para compreendê-las dentro de uma trama maior, onde raça, gênero, abandono, acolhimento e afeto/desejo se entrelaçam e construíram o homem preto que sou hoje.

CORPOS NEGROS INTERDITADOS: MASCULINIDADES, DESEJO E MEMÓRIA

As duas narrativas, quando colocadas em diálogo, evidenciam que as masculinidades negras não emergem como uma identidade fixa ou natural, mas como resultado de tensões, silêncios e negociações constantes em um contexto racista, patriarcal e colonizado. Desde a infância, os narradores são interpelados por discursos que regulam o que significa “ser homem”, estabelecendo fronteiras rígidas para a expressão das emoções e para a vivência da vulnerabilidade. A interdição do choro, reiterada por diferentes vozes familiares, mostra a atuação de uma pedagogia da masculinidade que associa o masculino à contenção emocional, à dureza e à capacidade de suportar a dor em silêncio. Nesse sentido, as narrativas expõem como a socialização masculina opera por meio dos dispositivos de vigilância dos afetos, produzindo pessoas que aprendem, desde cedo, a controlar seus gestos, emoções e expressões.

Entretanto, quando observadas à luz das reflexões de Fanon (2008), percebe-se que essa pedagogia da masculinidade não pode ser dissociada da racialização dos corpos negros. Fanon (2008) argumenta que o colonialismo não só explora economicamente as populações colonizadas, mas também produz marcas na subjetividade, configurando modos específicos de existir no mundo. Nas narrativas analisadas, essa dimensão aparece de forma contundente na experiência de crescer como um “*corpo preto no mundo*”, permanentemente atravessado por estado de vigilância, violências e expectativas sociais. A masculinidade negra, nesse contexto, é construída sob a pressão de múltiplas

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



interdições: por um lado, exige-se que o homem negro seja forte, resistente e invulnerável; por outro, essa mesma masculinidade é constantemente associada, no imaginário social, à violência, à hipersexualização e à ameaça.

Outro aspecto que atravessa ambas as narrativas é a centralidade das mulheres negras na gestão dos afetos familiares. As memórias evocam irmãs, mães, avós e tias como figuras que acolhem o choro, a dor e as frustrações da vida cotidiana, assumindo o papel de sustentação emocional da família. Esse padrão evidencia uma divisão afetiva de gênero, na qual às mulheres é atribuído o lugar da sensibilidade e do cuidado, enquanto aos homens cabe a contenção, o sustento e o silêncio.

Nesse cenário, os silêncios masculinos assumem um papel central na formação das subjetividades narradas. A ausência ou a dificuldade de expressão emocional por parte dos homens da família contribui para a construção de masculinidades baseadas na repressão dos sentimentos e na manutenção de uma aparência de controle. Contudo, momentos específicos, como a cena em que o pai chora diante de uma situação de frustração, revelam fissuras nesse modelo de masculinidade. Essa experiência, descrita como *“profundamente marcante”*, evidencia a humanidade que se esconde por trás da performance da dureza masculina. Tais episódios indicam que a masculinidade não é única, mas um campo atravessado por contradições, no qual a vulnerabilidade pode emergir como possibilidade de reconfiguração das relações afetivas.

Ao revisitar a história familiar marcada pelo abandono de uma mulher negra por um homem negro e pela posterior constituição de vínculos com homens brancos, o narrador começa a perceber como essas memórias podem ter influenciado suas próprias referências de afeto e desejo de forma inconsciente. Esse movimento reflexivo mostra a dimensão íntima do racismo estrutural, que não se limita às esferas institucionais, mas atravessa a vida emocional das pessoas. Fanon (2008) já apontava que o colonialismo produz hierarquias raciais que afetam inclusive o campo do amor, configurando percepções de valor, desejo e pertencimento.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Ao mesmo tempo, a presença de uma identidade dissidente, marcada pela experiência de ser um homem negro *queer*, amplia ainda mais as tensões em torno da masculinidade. A violência verbal sofrida na infância, bem como a necessidade de esconder emoções e afetos, revela como a heteronormatividade funciona como um mecanismo disciplinador que regula as formas legítimas de ser homem (Nardi; Machado, 2015). Os chamados “pactos da masculinidade” operam justamente nesse nível, estabelecendo normas implícitas que punem qualquer desvio em relação ao ideal masculino dominante. Dessa forma, a experiência de masculinidade negra *queer* evidencia as múltiplas camadas de opressão que atravessam esses corpos, situados na intersecção entre racismo, LGBTQIAPN+fobia e expectativas rígidas de gênero (Vitório Junior, 2025).

HOMENS NEGROS TAMBÉM AMAM!!

As reflexões apresentadas neste artigo buscaram problematizar os modos pelos quais homens negros constroem e experienciam suas relações afetivas em um contexto social marcado por hierarquias raciais e de gênero. Ao partir da pergunta “nós, homens negros, amamos?”, o estudo deslocou o amor da esfera estritamente privada para compreendê-lo como uma experiência atravessada por processos sociais, históricos, culturais e políticos. Nesse sentido, as narrativas analisadas evidenciaram que as masculinidades negras são produzidas em meio a tensões constantes entre expectativas sociais de força, controle e virilidade e a necessidade humana de expressar vulnerabilidade, cuidado e afeto.

As memórias compartilhadas mostraram como, desde a infância, os homens negros são socializados em pedagogias de gênero que regulam a expressão emocional, especialmente por meio da interdição do choro, da repressão da fragilidade e da vigilância constante sobre os gestos e afetos.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Dessa maneira, o artigo aponta também que o racismo não opera, somente, por meio de violências explícitas, mas (sobretudo) na dimensão íntima das subjetividades, formatando percepções sobre valor, amor, masculinidades, afetos/desejos. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, observamos que a dificuldade de olhar para si é recorrente entre homens negros, o que contribui para desconstruir a falácia de que homens gays são naturalmente mais sensíveis e disponíveis ao afeto por serem socialmente lidos como efeminados. Constatamos que, em alguns casos, esses homens demonstram maior disposição para se desfazer de suas máscaras e acessar suas vulnerabilidades. Em contrapartida, muitos homens negros heterossexuais insistem em investir em rotas de fuga, sobretudo por meio da performance de uma masculinidade rígida, o que dificulta o contato com suas próprias dimensões afetivas e subjetivas.

Ao mobilizar narrativas autobiográficas como ferramenta analítica, este estudo contribui para ampliar o debate sobre as complexidades da experiência masculina negra, evidenciando que o amor, longe de ser um sentimento universalmente distribuído, é também um campo de disputa atravessado por raça, gênero e poder. Nesse sentido, afirmar a possibilidade de homens negros amarem, e serem amados, constitui uma questão afetiva e um gesto de reivindicação de humanidade.

REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: coletânea de textos (décadas de 1970–1990)*. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 11 de mar. 2026.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



HOOKS, bell. *A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor*. São Paulo: Elefante, 2025.

HOOKS, bell. *Irmãs de Inhame: mulheres negras e autorrecuperação*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n.1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, 2018b.

MORAES, Joelson de Sousa; BRITO, Antônia Edina; SOARES, Francisco Marcos Pereira. *Escritas autobiográficas sobre ensino, pesquisa e formação de professores*. Curitiba-PR, Editora Bagai, 2024.

NARDI, H. C., and MACHADO, P. S. *Heteronormatividade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015. <https://doi.org/10.7476/9788575415511.0071>.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *A pesquisa (auto) biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica*. In: VASCONCELOS, Maria de Fátima; ATEM, Érica (orgs.). *Alteridade: o outro como problema*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. [Tradução de Carla Rodrigues]. São Paulo: Zahar, 2020.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAVELI, Esmeralda de Lourdes. *Narrativas Autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação*. Ponta Grossa: Práxis Educativa, 2006.

VITÓRIO JUNIOR, Sérgio Nunes. *Rompendo com o Contrato Social da Masculinidade: afeto entre homens é coisa de macho?* Itapiranga, SC: Schreiben, 2025.